

ANÁLISE DA OBRA CINEMATOGRAFICA: O RETRATO DE DORIAN GRAY

PETRILLI, Laslei Aparecida Teles

RESUMO

Este ensaio é a forma escrita do trabalho de análise da obra cinematográfica O Retrato de Dorian Gray do diretor Oliver Parker, 2009, apresentado no V Encontro de Psicologia no Centro Universitário Unirg realizado no segundo semestre de 2014. Apresenta as personagens masculinas Dorian, Henry, Basil e as femininas Sybil e Emily e roteiriza a atuação destas enfatizando a atuação de Henry, personagem que influencia o protagonista e o conduz ao mundo sombrio levando à sua destruição. Utilizou-se do destaque das falas no filme como forma de demonstrar as influências, direções e significados, desvendando assim as mensagens que serviram de guia para a condução do jovem protagonista Dorian Gray, ao longo do tempo naquela sociedade que voltou à frequentar. Juntamente com o destaque das falas das personagens busca-se o entendimento baseado em alguns conceitos Junguianos como a sombra, anima e máscara, ou identidade social. Assim essa obra é analisada sob a perspectiva

deste protagonista órfão e sua experiência naquele contexto cultural e sob suas influências pessoais e arquetípicas.

PALAVRAS-CHAVE: Sombra, feminino e máscara.

CINEMATROGRAPHIC WORK ANALYSIS: DORIAN GRAY'S PORTRAIT

ABSTRACT

This essay is the written form of an analysis study of the cinematographic art work *Dorian Gray's Portrait* from the Director Oliver Palmer, 2009 presented in the V Psychology Meeting held at UNIRG University Center carried out in the second semester 2014. The art work presents the male characters Dorian, Henry, Basil and the female ones Sybil and Emily. This famous cinematographic art work emphasizes the role of these characters including Henry, who greatly influences the protagonist taking him to a dark world and ultimately destroying him. In the current study, we used dialogues in the movie as a method to demonstrate the influence, direction and meanings, thus, discovering in this way, messages that were used as a guideline to take young Dorian Gray, along the time to the society in which he began to be involved with. Together with dialogues from major characters, we struggled to understand based in some Jungian concepts, including the Shade, Anima and Persona, or social identity, who was Dorian Gray in psychological terms. Thus, this art work is analyzed under the perspective of this orphan protagonist and his experience in that cultural environment subjected to his personal and archetypal influences.

Key Words: Shade, Female. Persona.

1. INTRODUÇÃO

A questão central desta abordagem reflexiva é o quanto um menino órfão acusado de no seu parto, ser o assassino de sua mãe pelo próprio avô. Este o pune com agressões e castigos, deixando um questionamento do quanto este sujeito ainda imaturo, pela sua pouca idade, tem condições de se desenvolver emocionalmente sadio. A resposta é sim e não, devendo aguardar as reflexões posteriores para se refletir com mais propriedade.

A personagem Dorian Gray sucumbe diante das direções nocivas e libertárias de Henry, homem que pertencia ao círculo de amigos da sociedade em que nascera o jovem, ao invés de se deixar influenciar pelas direções mais ponderadas, sensíveis de Basil, o artista que pinta o seu retrato, como também das representantes femininas Sybil, jovem atriz órfã que vivia com o irmão e Emily moça educada da sociedade com traços de liberdade, fotógrafa e filha de Henry.

O que se percebe é que ao longo da história contada pelo diretor Oliver Parker do clássico literário de Oscar Wilde, Dorian Gray se envolve e

sede às influências apresentadas por Henry, mas diante da sua totalidade humana consegue se render e aceitar a influência sensível e poderosa feminina, integrando suas partes, reconhecendo a sombra individual separada da arquetípica, aquela que representa os aspectos diabólicos ou o pacto com o diabo.

Considera-se que Henry acaba mantendo viva a destrutividade do avô de Dorian com roupagem do belo, jovial e livre, já que afasta o jovem de Sybil, moça que poderia oferecer a perspectiva de união e continuidade da vida.

A jovem Sybil suicida-se como Ophélia sua personagem no teatro, e Basil é morto pelas próprias mãos de Dorian.

Após um período fora da cidade, Dorian volta e se depara com uma figura feminina representando uma continuidade da conscientização iniciada após tantas andanças pelo mundo afora. Emily sensibiliza Dorian a enfrentar o seu lado sombrio, já que ela se apresenta enquanto filha de Henry com traços de força, liberdade mas com a sua natureza instintiva preservada.

Ao final da trama contada nesta produção cinematográfica de 2009, Dorian enfrenta a sombra diabólica e com o fogo que queima e ilumina liberta-se desta “maldição” que possivelmente vira do berço.

2. DESENVOLVIMENTO

A estória contada refere a de um jovem que retorna à sua casa de origem a qual foi criado pelo avô já que perdeu sua mãe no parto e foi afastado da convivência do seu pai que não pertencia a mesma classe social. O avô, um aristocrata da Inglaterra do século XIX severo culpou Dorian pela morte de sua filha. Parece que com esses dados iniciais pode-se discorrer à respeito da formação da sombra.

Pensar em um órfão que cresce longe dos cuidados maternos e paternos sob o julgo da severa força agressiva de um avô, figura masculina, fria, acrescido da idéia que desde cedo sofreu agressões verbais e castigos físicos com a acusação– “ *Você é a morte !*”.

“à medida que o jovem cresce, o desenvolvimento do ego é vital no estabelecimento da autonomia perante as pessoas e o mundo externo. E

Apresentar-se-á o caminho seguido com as devidas considerações fundamentadas nas ideias Junguianas.

ainda, o ego na medida que se desenvolve deve ir fazendo discriminações do tipo: eu não sou assim, sou assado, eu gosto disso não daquilo”(Edinger2004,pag 24.)

E ainda:“ E ao fazer todas essas discriminações, ele cria a sombra, O representante para o que não é”(Edinger,2004,pag24).

“É de vital importância que um ego jovem se sinta mais bom do que mau”(Edinger,2004,pag24).

Segundo Edinger (2004), as características assim chamadas negativas vão para a sombra, para o inconsciente.

“ Acima e além da sombra pessoal, há também o arquétipo da sombra. Na cultura judaico-cristã, ele é normalmente personificado pelo diabo” (Edinger, 2004,pag 24).

Desta maneira parece que Dorian por, supostamente não ter tido oportunidade de ser mais bom do que

mau, segundo o conceito ditado pelo avô, pela acusação de morte da mãe, salientando a ausência materna juntamente com a idéia maligna, podem ter deixado essa vulnerabilidade datada na fase inicial (infância).

Quando retorna para sua casa, a “casa da infância”, se depara com a pintura do avô e encontra neste novo tempo um guia, Henry que traz a proposta de influenciá-lo, guiá-lo para que possa usufruir ao máximo da vida, beleza e juventude. Este homem é um sujeito que aparentemente não se adéqua à sociedade com suas falas e direções. É desprovido de coragem para abertamente enfrentar seus próprios desejos. Ensina Dorian a usar sua beleza e juventude para o seu prazer incluindo as mulheres como objetos a serem desfrutados.

Henry dá a Dorian cigarros e comenta: *“Prazer perfeito ! É maravilhoso e nos deixa insatisfeitos! Ser órfão não é ruim!”*

Esta é umas das primeiras atitudes de Henry e que ativa diretamente a oralidade, carência materna, fumar pode dar prazer, mas a insatisfação é pelo fato dele representar esse contato com a mãe, e

não ser de fato a mãe que nutre e acolhe.

Quando Henry propõe uma saída e conduz Dorian e Basil ao prostíbulo, colocando o jovem naquele antro de prostituição e luxúria, percebe-se que é o ambiente perfeito para dar seus conselhos:

“ – Não existe vergonha no prazer. O homem quer ser livre mas a sociedade quer que ele seja bom. E quando ele é bom, raramente ele é feliz. Mas quando se é feliz é bom” afirma Henry.

Dorian questiona a alma, qual seria o efeito dessa transgressão, sugerindo a sua sensibilidade, quando Henry prontamente rebate:

“ – Essa é a minha igreja e com esse copo eu prego agora a minha alma no altar do diabo”.

Percebe-se que diante da pouca experiência do jovem aliada ao poder de influência de Henry, no ambiente propício, um espaço supostamente a ser freqüentado por homens, para que estes possam saborear um pouco da sua liberdade, que na sociedade deve estar mais disfarçada dos meandros sombrios e condenáveis da cultura da época.

O interessante é que na seqüência da trama no filme, vem a

ocasião da conclusão da pintura de Basil, o artista que retratou Dorian. Este ao se deparar com a sua imagem retratada, surpreso questiona se era mesmo o que via, admirado ao ver tanta beleza.

Henry completa:

“- É ainda melhor que a realidade. Ele sempre será assim. No entanto você Sr Gray, eu temo que não....”

É interessante perceber como Henry desafia o jovem a perceber que a imagem pode ser melhor que a realidade, já que esta um dia se modificaria dando a entender que não seria bom.

Uma tentativa inicial e expressiva de Basil, o artista, em dar orientações diferentes e construtivas à Dorian acontece neste momento:

“ – Algumas coisas são preciosas por não serem duradouras “... ”

Henry contesta :

“Que besteira murçamos e ficamos marcados por que os deuses são cruéis e odiosos !”

Notoriamente Dorian neste momento prefere seguir as propostas de Henry como se observa em sua próxima colocação :

“- Talvez eu devesse pregar a minha alma ao altar do diabo”.Repetindo a resposta de Henry no prostíbulo.

Henry completa:

“ E permanecer como é ! É uma troca justa !”

Justamente à partir deste momento Henry passa a chamar o jovem de Dorian e não mais de Sr Gray como o fez até então, demonstrando a nítida aproximação que as colocações fazem com as personagens e o desafia:

“- Dorian você trocaria sua alma? Trocaria?”

Incrivelmente os termos alma e pregar reaparecem agora em local social, na sala da mansão de Dorian Gray, sala esta que guarda a imagem do avô em destaque e no alto. O SIM como resposta é pronunciado e a partir desse momento o jovem se entrega ao seu tutor oficial : Henry.

Dorian é admirado por sua beleza e juventude na sociedade e não esquecendo o encontro que teve com Sybil no submundo, retorna e a encontra no teatro, onde a jovem interpreta Ophélia, de Hamlet. Esta personagem feminina é entendida como aquela que desperta Dorian para seu lado sensível e carente.

No momento que adentra o recinto teatral Sybil pronunciava as palavras:

“Veja esse nobre e soberano motivo. Como doce o badalar do sino. Fora de tom e duro. Essa forma desigual e de detestável juventude arruinou-me de êxtase !Ai , angústia sou eu!”

A personagem de Sybil fala pela sua intérprete o que posteriormente se concretiza.

Para este lado no sujeito masculino deve-se entender o significado da anima, arquétipo feminino no homem e que guarda a sua relação com a mãe, ou mães em sentido coletivo, e ainda sua experiência com mulheres, compondo assim um aspecto importante a ser desenvolvido.

“ A grande manifestação da anima é, quase sempre por meio de uma projeção. Um homem conhece uma mulher que lhe salta aos olhos e se apaixona” (Edinger, 2004,pag 27).

Quando Dorian vê Sybil, o que enxerga é a projeção da sua própria anima (arquétipo feminino no homem) e a corteja. A projeção deve ser entendida como aquela imagem vista pelo sujeito no outro, isto é, fora dele, mas que pertence ao sujeito que vê. Segundo o roteiro cinematográfico

após estar intimamente com ela e decidido a tomá-la como esposa, Henry interfere levando o jovem Dorian à experiências mais intensas regadas à ópio e luxúria.

Parece que quando Henry percebe a ameaça que Sybil oferece no sentido de tomar o jovem para sua companhia e matrimônio este intensifica sua influência buscando afastar definitivamente a moça do caminho de Dorian.

“ Assim como acontece com todos os arquétipos, a anima é uma união paradoxal de opostos .Ela é, ao mesmo tempo uma prostituta e a virgem Maria. Ela tem poderes divinos de sedução e encantamento, orientação e elevação espirituais. Ela pode tanto tentar um homem até a sua destruição total , quanto levá-lo à sua maior realização”

(Edinger, 2004, pg 27).

Dorian acaba se entregando às mulheres e às drogas de forma intensa e sombria já que se permitiu sentir todas as sensações, todas as experiências, que pertencem à abertura dada para tal sensações, não deixando de ter influência feminina, dada a entrega às sensações, percepções, vivências íntimas vividas, compartilhadas.

E assim Dorian se afasta de Sybil, seduzido pela atração fatal da anima potencialmente forte e destrutiva, mesmo que a jovem, representando o lado positivo, virginal alertando:

“ *–Não deixe ele fazer isso!*” quando alerta Dorian sobre Henry sem sucesso.

Destaca-se que o jovem não teve experiência com sua mãe, que morreu em seu parto, e que a proposta intensa do uso das mulheres como meio de prazer deva ser entendido como uma desforra ao abandono à vulnerabilidade deste filho pela ausência de uma figura feminina que pudesse servir de referência de atenção, carinho e proteção. Na ausência, este filho possivelmente não teve oportunidade de conhecer a intensidade do amor protetor, afetivo, incondicional. A sociedade desta época poderia ser interpretada como uma mãe, mas nesse caso, uma mãe castradora, punitiva, opressora, já que limitava a espontaneidade e liberdade de seus componentes.

Após Dorian rejeitar Sybil, esta se mata do mesmo modo que sua personagem no teatro, afogada, submersa sob as águas. Claramente a sua ascensão à superfície, aquele

corpo feminino vindo à tona, como veio à tona novamente a consciência de Dorian a destrutividade anunciada na infância. Matou sua mãe no parto, agora é acusado pelo irmão de Sybil da sua morte e daquele que seria o fruto do encontro com esse aspecto divino feminino, um filho deles.

Dorian chora e toma contato com essa ferida psíquica da infância, imagens da punição, dele como destrutivo. Desabafa : “ *Eu transformo todo o amor em ódio! Uma parte de mim, transforma todo o amor em ódio, morte!*”

Pode-se perceber que o jovem se corrige falando sobre parte e não sua totalidade. O corpo que sobe à superfície, o corpo feminino. As águas que outrora cobriam, envolviam o corpo, significa um outro ambiente, inconsciente, de outra natureza, e o corpo que sobe, o feminino que aparece, a anima de Dorian, sensibilizando-o , desestabilizando-o.

Mas o que tem ao seu lado são as direções de Henry que ameniza o evento como corriqueiro e que deve ser um homem de valor superando todo esse terrível acontecimento. Afirmando:

“Tem que encarar esse episódio como ele realmente é. Uma grande experiência!”.

Dorian rebate: *“Não consigo ser tão insensível!”.*

Henry completa: *“Isso não é ser insensível. É achar uma perspectiva. Muitos não tem força para superar os sofrimentos. Tem que ser um homem de valor”.*

E Dorian fica sozinho, enxugando as lágrimas e fumando. Interessante ressaltar que essa atividade oral pode ser entendida como o mamar de um bebê, atividade prazerosa e que oportuniza os pequenos a entrar em contato íntimo com a mãe, que além de alimentar, cria vínculo e pode derivar acolhimento, proteção.

Dorian esconde o seu retrato após a morte de Sybil ao perceber que o mesmo estava deteriorando. Basil percebe a insensibilidade do jovem e sente a falta do quadro.

“Eu perdoaria os caprichos da tristeza, se parecesse triste!” exclama Basil

Questionado Dorian sobre o quadro e diante da justificativa de que

havia pouca luz para ele naquele recinto, não compreende a retirada.

É importante pontuar que o artista se refere à Luz, concebida como consciência, clareza, numinosidade, esta entendida como uma consciência de pleno sentido interno e arquetípico, que Dorian rejeita e esconde levando o quadro e os conteúdos sombrios ao seu local de origem, o sótão, onde foi maltratado e agredido pelo avô. Fazendo uma analogia com esse local, associa-se ao inconsciente, que vai além da clareza egóica e seria essa instância psíquica onde abrigaria informações, conteúdos essenciais e profundos da natureza humana.

Percebe-se que o jovem protagonista já tem consciência da sua deterioração, esconde-a dos olhos que gostam de ver somente o que é belo e jovem, apresentável para a sociedade.

Mais uma vez Dorian tem diante de si um convite à consciência numa direção positiva nas palavras de Basil:

“- Não deveria acreditar em tudo que Henry diz, ele não acredita!”

Escondida a denúncia da imagem do quadro que representa a deterioração

da sua alma (psique, essência humana), o jovem assume um papel social aceitável e elegante.

“ Desse modo, a persona é a entidade psíquica que opera entre o ego e o mundo externo. Agora quando olhamos na outra direção, para dentro, o que encontramos primeiro é a sombra. Essa é a parte inferior da personalidade onde se encontram todos aqueles aspectos que o indivíduo considera indesejáveis escuros, até mesmo demoníacos em si mesmo”(Eidinger,2004,pag 23).

Se entregou à farsa social, conduta controlada, enquanto que nos bastidores se entrega à orgias, drogas e depravações de todo tipo. Mais uma morte em seu caminho, agora a de Basil que insiste em ter a pintura de volta. Dorian conduz o artista até o sótão e apresenta a pintura deteriorada e como já estava identificado com a máscara, ou persona, não se dá conta dos conselhos de Basil: “ – Você não vê que isso precisa ser destruído. Quero te ajudar. Nós podemos chamar um padre ou curandeiro. Eu sei que há bondade em seu coração. Eu já vi”. Dorian rebate afirmando: *“Criamos algo lindo juntos. Um milagre. Por causa da sua pintura isso nunca vai*

envelhecer. Viver todo o impulso enquanto o mundo o vê brilhar. Eu sou um deus”. Infelizmente Dorian mata Basil demonstrando a sua identificação com os aspectos sombrios de si mesmo ainda protegido desta verdade pela identificação com a imagem da máscara. Assim deixa a cidade após este incidente.

Após anos de ausência da cidade, o jovem retorna para a surpresa de todos e a abominação de alguns com a sua aparência inabalada pelo tempo.

Emily se encanta com Dorian e neste encontro trocam essas afirmações:

“Sr Gray eu acredito que sei o seu segredo! Você tem coração!”-Emily

“ Aqueles que vão além da superfície vão por sua conta e risco!”, Dorian completa.

“ Que assustador!” Emily instintivamente reconhece o perigo de se aventurar além da superfície.

Se apresentando ao piano, como da primeira vez anos atrás, é interrompido por um homem mais velho, pai, que adentra o recinto e arrebatada a jovem filha ALICE(representante do feminino ingênuo e ainda desprovido de intuição) declarando:

“ – *Que tipo de profanação dá o rosto de um menino a tal homem! Completamente abominável!*”.

Com essa declaração enfática, este velho pai chama a atenção de todos principalmente Dorian que estava ao piano.

Desta vez Dorian sente o impacto da consciência, do que fez, ao ver a imagem de Basil ensanguentado na plateia e suas próprias mãos sujas de sangue. A morte que foi fruto da sua vontade, da sua auto preservação da imagem sombria vista no sótão anos atrás.

Para sua redenção, novamente um elemento feminino aparece na figura de Emily, filha de Henry, que se aproxima e destemidamente se propõe à proteger e ajudar Dorian.

“ – *O que houve no salão. Você viu alguma coisa*”. Denuncia Emily enquanto representação feminina intuitiva positiva, percebe a consciência de Dorian que confessa à ela:

“ – *Fiz coisas horríveis, a minha vida tem sido uma corrupção monstruosa e haverá um preço*”

E Emily afirma:

“ – *Eu não deixarei ninguém machucá-lo*”.

E o jovem agora, seguindo direções positivas e diante da pouca força em enfrentar os aspectos nocivos e diabólicos sozinho segue conselho antigo, o de Basil e vai até um padre confessando e pedindo ajuda. O padre responde: “*Se nos arrependemos Deus é fiel e justo. Confesse seus pecados mortais. Confesse*” .

E Dorian responde : “*Essa não é minha verdadeira face. Se pudesse ver minha alma. Eu já vi a minha alma e posso te mostrar. Está podre. Fede. É veneno. Por favor me ajude!*”

Desta vez Dorian assume o seu lado sombrio e fétido. Se entrega aos cuidados de Emily, anima positiva, que o conduz até sótão, sua porção mais escondida. A chave, o que esconde? O segredo, o lado sombrio.

Ao final o fogo, a claridade, a iluminação do enfrentamento consciente dos aspectos sombrios efetiva a sua elevação. Neste momento final da trama Dorian fica preso juntamente com sua imagem abominável no local onde foi maltratado pelo seu avô durante sua infância.

Quanto ao Henry, ficou só, sem a companhia das mulheres em sua vida e literalmente marcado em sua face, de um lado sem marcas e

por outro a deformidade outrora escondida, para diante do quadro de Dorian no seu sótão reafirmar o seu desprezo e maldade invejosa para com o belo e jovem rapaz.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dorian por ter sido na infância influenciado negativamente pelo avô, na ausência da mãe com a proteção e cuidados, e na falta do pai, com possíveis modelos masculinos, ficou vulnerável às influências de um guia, de uma referência do como se portar, mas dada tantas impossibilidades iniciais foi uma presa fácil para a nocividade de um homem sínico, dissimulado e malvado tanto quanto o seu avô.

“Deste modo, o arquétipo do pai também é duplo. O pai dá a Vida, luz, energia – não é de se causar espanto que tenha sido historicamente associado ao sol. Mas o pai também pode praguejar, intimidar, oprimir. A

Esta cena final é intrigante já que o quadro aparece intacto em um local sombrio na casa de Henry, e a porta se abrindo e ele entrando como na imagem da memória de Dorian se escondendo do avô.

mente pré-letrada, retendo-se com a imagem do sol como centro de energia, o princípio vital, produziu o deus Pai que energiza e fecunda a terra feminina. O patriarcado substituiu a adoração da mãe terra pelo pai celeste(O halo associado a Cristo é relíquia da aura solar do pai da época em que a serpente associada às divindades maternas é rejeitada pelo patriarcado emergente no Gênesis). Quando a experiência do pai é positiva a criança experimenta força, apoio, energização dos seus recursos e um modelo no mundo exterior. Quando a experiência do pai é negativa, a frágil psique é esmagada” (Hollis, 2008, pag 110 e 111).

REFERÊNCIAS

EDINGER, Edward F. Ciência da alma:uma perspectiva junguiana. [Tradução Gustavo Gerheim] – São Paulo: Paullus, 2004.

HOLLIS, James. Sob a sombra de saturno:a ferida e a cura dos homens. [TraduçãoCláudia Gerpe Duarte] – São Paulo: Paullus, 1997.

Parker, Oliver.O retrato de Dorian Gray. Momentun Pictures, inglês, 2009, 112min.

Recebido em:07/04/2015

Aprovado em:17/12/2015